

Informativo do Projeto Saber para Cuidar - Cehmob-MG - nº 11 - Ano 2

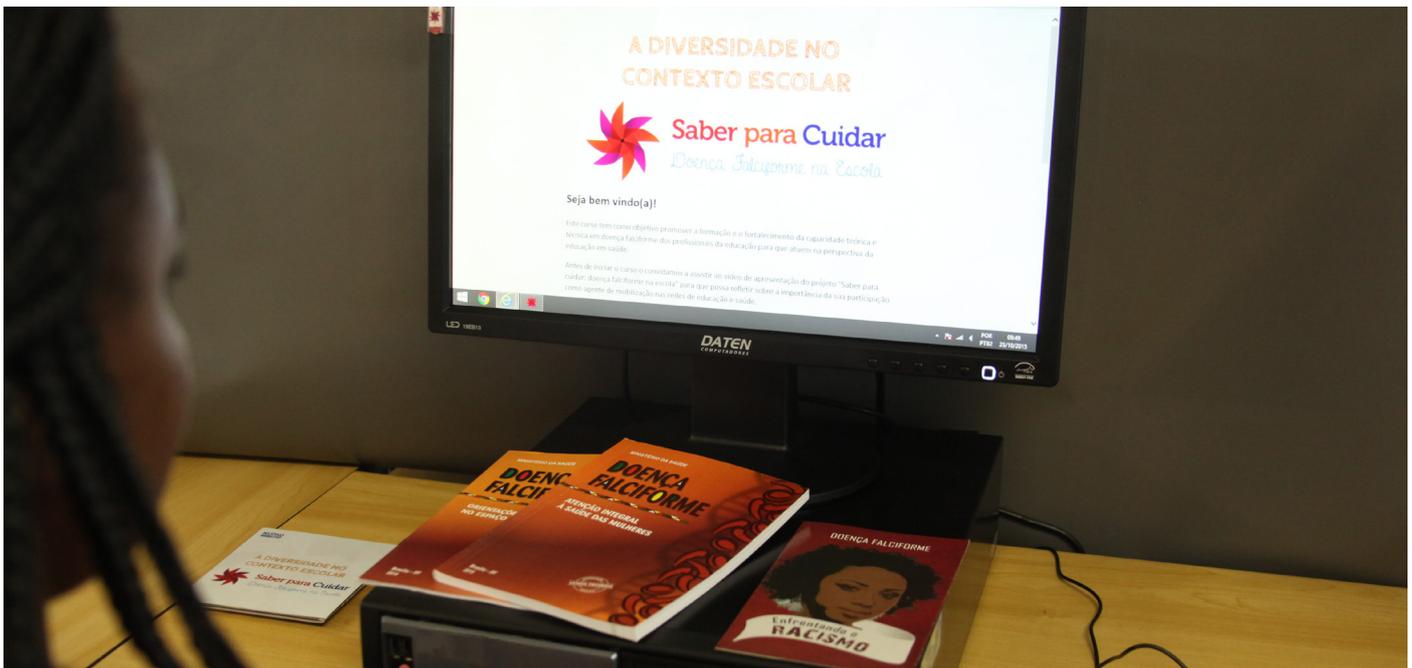


Foto: Caroline Moreira

Editorial

## E o nosso cata-vento já está girando...

Por Cláudia do Couto, coordenadora do Processo de Sensibilização do Saber para Cuidar.

Esta é uma edição especial do Informativo. Estão em andamento dez turmas do curso em Ensino a Distância (EaD) pela plataforma Magistra e outras dez, que acontecem até o fim do ano, com inscrições já fechadas. E recebemos tantos relatos legais de quem tem mudado a prática dentro e fora da escola, a partir do curso, que resolvemos fazer esta edição somente com as experiências de nossos alunos.

As autoras foram tocadas pela causa da pessoa com doença falciforme e agora fazem a diferença em seus municípios. Autoras muito diferentes entre si, com o jeitinho peculiar de sua região. Em comum, a paixão pela educação e a certeza de que, por maior que seja a tarefa, teremos sucesso se cada um fizer sua parte.

Hercília, Daniela, Samira e Janaína. Essas professoras assumiram o papel de cata-ventos: símbolo de diversidade e união, disseminação de conhecimento sem preconceito e com inclusão, símbolo do Saber

para Cuidar! Elas e tantos outros cursistas e parceiros que têm nos mostrado que estamos no caminho certo, ainda que estes sejam só alguns passos de uma caminhada longa. Nosso agradecimento a cada um. E que este "vento" alcance muitos mais!

Nesta Edição



**Doença falciforme: um tema que interessa a todos.**

Página 3

**O curso EaD como formação continuada.**

Página 4

A Cara do Saber

(arquivo pessoal)



Por Hercília Amaral, professora da rede estadual

Trabalho na rede estadual e sempre que são disponibilizados cursos em qualquer área do conhecimento procuro fazer. A Magistra já faz parte do meu contexto: fiz vários cursos. São eles que possibilitam realizar uma reflexão constante da minha prática enquanto educadora. Acredito que o professor deve ser um eterno aprendiz.

Sobre o curso Doença Falciforme na Escola, fui a primeira da minha escola a se interessar. Divulguei para os colegas, falei da importância dele para o conhecimento pessoal e profissional. Apresentei o material recebido, incentivei os que demonstraram interesse e prestei informações de como proceder, uma vez que alguns ainda têm dificuldade com cursos on-line.

Meu interesse pelo curso se deu pela vontade de aprender e conhecer os sintomas e a evolução do aluno com a doença, pois me preocupo muito quando o meu aluno não aprende. Muitas vezes agi errado por não conhecer o quadro clínico do aluno.

Acredito que se o professor conhece de verdade as inúmeras situações vividas pelo aluno, com certeza faz a diferença, pois acredito no potencial de todos envolvidos no processo educacional.

Relatos do Saber

# A arte de saber para poder ensinar

Por Daniela Landazuri, pedagoga e professora do ensino fundamental.

Quando ouvi pela primeira vez o termo doença falciforme (DF), não poderia imaginar que um mundo tão desconhecido e fascinante iria se abrir na minha frente. Enveredar-me no mundo da DF pelo curso da Magistra me fez refletir ainda mais sobre necessidades especiais, inclusão e minha formação continuada. Participar, compartilhar experiências e anseios, me sentir integrante da rede de multiplicadores nas escolas que atuo me fez perceber que a informação é o primeiro passo para acabar com a invisibilidade, o desconhecimento e o preconceito nas escolas.

Sabemos que não tem como falar em educação de qualidade sem mencionar uma formação continuada de professores. Ela é questão fundamental nas políticas públicas para a educação. A escola hoje desempenha vários e novos papéis na sociedade, e o professor tem papel central como responsável pela mudança de atitude e pensamento dos alunos. Para isso, precisa estar preparado para novos e crescentes desafios, como incluir todo e qualquer aluno na escola e ajudá-lo a construir a aprendizagem de forma significativa.



(recessad oimbar)

Professora Daniela Landazuri

Espero ansiosa praticar o que foi aprendido no curso Doença Falciforme na Escola, pois faremos nesse ano letivo uma pequena amostra do que foi estudado. Com a parceria do PSF (Programa Saúde da Família), faremos uma palestra para docentes, destinada também à capacitação em serviço, e outra para alunos, tentando levar o conhecimento da doença para toda a escola. Para os pais será feito um informativo, para também esclarecê-los sobre o tema.

## Doença falciforme: um tema que interessa a todos

Por Samira Araújo, professora há 25 anos no ensino médio. Atua também no ensino superior.

O que levou uma professora de Língua Portuguesa, no terceiro ano do ensino médio, a trabalhar em sala de aula o tema “Doença Falciforme” (DF)? Primeiro, porque na escola temos dois alunos com DF; segundo, porque envolve a compreensão de um processo maior: o da inclusão; e terceiro, pois sou parte de uma história que integra várias outras histórias e juntas criamos nossa comunidade.

A escolha da DF foi em razão do curso “Saber para Cuidar: doença falciforme na escola”, que faço através do Portal da Magistra, e a partir deste tema trabalhamos vários gêneros textuais em sala (contação de história, depoimentos, notícias, textos injuntivos, etc.). Assim, promovemos uma reflexão sobre o tema em nossa realidade local, pois além dos dois alunos com DF, temos mais três com outras necessidades especiais. Ou seja, a temática inclusão já faz parte de nossa história e o tema DF veio somar para o diálogo ser estabelecido. Afinal, incluir não é apenas garantir o acesso, mas fazer com que os incluídos realmente façam parte da história coletiva.

Os alunos demonstraram encarar o assunto de forma natural e afirmaram que entendem os limites dos colegas com necessidades especiais, não os tratando de forma diferenciada, mas sim buscando fazer com que superem seus limites e se integrem nas atividades da turma. São jovens entre jovens, e neste meio se entendem. Na reunião de módulo da Escola, fizemos o relato



Professora Samira Araújo

sobre o Curso do Saber para Cuidar e os professores se surpreenderam, pois ninguém tinha ouvido falar na DF e passaram a se interessar pelo assunto.

Na reunião de pais, a mãe de um dos alunos, com DF, fez questão de colaborar para que a comunidade escolar tenha mais informação sobre a doença, o que é fantástico! Essa mãe se faz presente na escola, participa de toda a vida escolar e busca disseminar tudo que aprendeu com a doença do filho, contribuindo de forma significativa para a construção da rede interna na escola.

O acolhimento destes alunos exige o comprometimento e responsabilidade de cada um, desde o porteiro, passando pelos profissionais da secretaria, da

supervisão, dos professores e, acima de tudo, do colega de sala. Orquestrar tudo para que a inclusão seja de fato e não apenas de direito é o desafio, pois há muito desconhecimento sobre a DF e ainda predomina uma cultura de que o assunto é da alçada dos professores de Biologia ou Ciências. Para vencer estas limitações, vale a dica: conversar muito, trocar experiências e ser perseverante.

Na EE Miguel Gontijo, em Bom Despacho/MG, a DF tornou-se um tema presente e não apenas entre os alunos que possuem a doença e familiares, mas em toda a escola, pois a inclusão é responsabilidade de todos.

# O curso Saber para Cuidar faz a diferença como formação continuada

Por Janaína Moreira, professora da rede municipal e estadual.

O curso "Saber para Cuidar: doença falciforme na escola" tem contribuído muito como referencial para minha formação docente. Sou professora da educação básica dos anos iniciais desde 2009, hoje atuando na rede de ensino municipal e estadual.

No decorrer da minha prática deparei com a situação de dois educandos diagnosticados com anemia falciforme, um do sexo feminino, outro do masculino, com faixa etária entre sete e oito, ambos com frequência comprometida pelos sintomas. Porém, desconhecendo a necessidade do "cuidar específico", percebo que não contribuí favorecendo estratégias de intervenção pedagógica para o processo de inclusão dessas crianças. Considero que faltou uma conexão da minha atuação, enquanto educadora, com uma rede de apoio que me amparasse para melhor atender os respectivos educandos nas singularidades impostas pela doença.



Professora Janaína Moreira

A Escola Estadual Santo Antônio em Pirapora/MG, que considero modelo de excelência no ensino de qualidade, propôs o curso como formação continuada. Este curso modificou meu olhar sobre a doença falciforme (DF). Hoje aprendi que ela possui toda uma trajetória histórica e merece fazer parte do processo da educação na diversidade, envolvendo comunidade escolar e familiar.

Mediante a importância do processo inclusivo, é necessário serem estabelecidas intervenções no contexto escolar correspondentes à conscientização sobre o tema. Ações concretas de mobilização social, que

estimulem políticas públicas para prover mecanismos de apoio clínico, educacional e social, pois as pessoas com a doença podem viver normalmente quando os sintomas são tratados de maneira correta.

É preciso que a escola faça a diferença. Assim, uma estratégia adotada a partir do conhecimento abordado no curso tem sido a preocupação em manter os educandos hidratados com incentivo de ingestão de água e suco, preferencialmente natural.

Vale ressaltar que todos os educandos sem acepção são igualmente especiais em suas peculiaridades.

Você quer dividir conosco sua experiência na atenção à pessoa com doença falciforme? Escreva-nos no [projetosaberparacuidar@gmail.com](mailto:projetosaberparacuidar@gmail.com) e envie uma foto. Na próxima edição você pode participar conosco!

## Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – Coordenação Geral: José Nelio Januario e Mitiko Mura. Coordenação Técnica do Saber para Cuidar: doença falciforme na escola: Isabel Castro. Redação: Cláudia do Couto, Daniela Landazuri, Hercília Amaral, Janaína Moreira, Samira Araújo. Instituições realizadoras: Ministério da Saúde, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. Instituição parceira: Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). Assessoria de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG: Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). Edição: Rafaella Arruda. Projeto Gráfico: Luiz Romaniello. Diagramação: Laís Petrina. Atendimento Publicitário: Desirée Suzuki. Boletim de circulação online: [www.cehmob.org.br](http://www.cehmob.org.br). Contato: [jornalismo@medicina.ufmg.br](mailto:jornalismo@medicina.ufmg.br). É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.